

Ensinando para o passado ou aprendendo para o futuro?

Elisa Woly nec

ewoly nec@techne.com.br

O curso prepara nossos alunos para as atividades profissionais do passado ou para os desafios do futuro?

Essa é a pergunta que os dirigentes de Instituições de Ensino Superior (IES) deveriam perguntar aos seus Coordenadores de Curso. Na maioria dos casos, nossas IES estão formando para o passado e não para as exigências atuais. Os docentes continuam vendo a Educação como um mecanismo para transferir conteúdo para o interior da cabeça dos alunos. Tanto que gastam a maior parte do tempo com aulas expositivas sobre conteúdos ultrapassados.

Entretanto, para os alunos atuais, nada disso é Educação. Para os jovens atuais, fazer um curso superior é preparar-se para o futuro. Na sua concepção, preparar-se para o futuro inicia-se, necessariamente, no contexto do que já praticam, a partir de suas conexões com o mundo e seus habitantes, a partir da TV, You Tube, a Internet, mensagens instantâneas, bate-papo, socialização virtual. Acima de tudo, querem que o tempo gasto no curso superior seja compensador e relevante para seu futuro.

Para que se tenha uma visão do “tédio” que invade os alunos na sala de aulas, basta ir ao You Tube (<http://www.youtube.com>) e assistir aos vídeos postados por alunos sobre aulas chatas. Alguém propôs algo do tipo: se sua aula está muito entediante, para não dormir,

pegue seu celular, faça um vídeo e divulgue no You Tube.

Fazendo uma busca por esse tipo de conteúdo no You Tube encontramos vídeos de aulas entediantes que cobrem praticamente todas as IES. Assistindo alguns vídeos temos que concordar com os alunos.

Com o objetivo de entender melhor as necessidades da atual geração, enviei e-mail para os autores de vídeos de aulas entediantes e obtive algumas respostas.

Como exemplo, há no You Tube vídeos de aulas “chatas” que estão sendo ministradas com vídeo projetor e PowerPoint. Perguntei por que numa instituição equipada com tecnologia de ponta as aulas estavam tão insatisfatórias e recebi respostas do tipo:

“Alguns professores acham que colocando a aula em PowerPoint estão utilizando tecnologia, estão modernizando o ensino, mas isso é o mesmo que escrever no quadro negro. O pior de tudo é o professor que passa a aula lendo os slides para nós.”

Usar tecnologia e manter o velho paradigma da aula expositiva não atende aos interesses dos jovens atuais. Eles precisam de formação para atuar no século 21, que é caracterizado por criar (arte, textos, vídeos, simulações...), distribuir e compartilhar com um mundo cada vez mais conectado.

Para aprender, a mente humana precisa interessar-se, precisa ser desafiada a entender a nova informação. O aluno atual precisa trabalhar em equipes, desenvolver projetos, ter a oportunidade de compartilhar suas idéias com seus pares e receber seus comentários. Quer ser ouvido e respeitado. O jovem atual passa boa parte de seu tempo nessa interatividade com seus pares, expondo suas idéias, sua visão e recebendo críticas e elogios. É necessário utilizar essa vontade de explorar e interagir para desenvolver suas habilidades e competências no curso em que está matriculado.

Há uma acirrada concorrência no mercado de IES com uma forte consolidação em andamento. Prevê-se que em 2010 metade dos alunos das IES privadas estejam nas cinquenta maiores IES do país.

Entretanto, há instituições que não querem fundir-se com outras, nem concorrer em preço de mensalidade. Querem seguir sua missão, evoluir, expandir e continuar formando profissionais com qualidade. Para captar alunos da concorrência é preciso inovar, oferecer um ambiente de ensino-aprendizagem diferente. Mudanças radicais são mais facilmente implementadas em IES menores do que em gigantes formadas por uma rede heterogênea.

A insatisfação do alunado com a pedagogia utilizada resulta do fato que os jovens atuais, expostos a multimídia e vídeo-game desde a infância, desenvolveram habilidades cognitivas diferentes das nossas, conforme comprovam vários estudos de neurociências. É necessário entender suas necessidades e planejar o desenvolvimento dos cursos de forma a entusiasamá-los com a aprendizagem.

O argumento de que a maioria trabalha e não tem tempo para estudar é verdade só em parte. Eles têm tempo para o Orkut, You Tube e interação com amigos ao redor do mundo. Mesmo assim, é necessário diminuir o tempo em sala de aula para que exista mais tempo para atividades práticas.

Onde parte dos alunos não tem computador em casa, ou mais ainda, não tem acesso a banda larga, basta manter salas da instituição com computadores e acesso a Internet abertas 24 horas por dia, 365 dias por ano.

O hardware e software necessários para introduzir um novo ambiente de ensino-aprendizagem são a parte mais fácil do problema. O mais difícil é engajar o corpo docente e mudar sua forma de interagir com os alunos. É necessário criar na IES um centro de inovações na aprendizagem e capacitar o corpo docente.

Existem experiências bastante interessantes¹ mostrando que é possível diminuir custos e melhorar a qualidade, especialmente a satisfação do alunado, usando tecnologia e pedagogia em consonância com o ambiente de trabalho, socialização e diversão do século 21².

¹ Improving Learning and Reducing Costs, Carol A. Twigg, Educause Review p.28, Sept./Oct. 2003.

² Learning, Working and Playing in the Digital Age, by John Seely Brown in Aahe 1999 Conference on Higher Education. March 23, 1999 - www.ntlf.com/html/sf/jsbrown.pdf